

Meu caro amigo Milton, grato pela carta de 26/2-7/3, e apresso-me a responder a tuas objeções ao artigo "pos-industrial", por formar o tema uma das preocupações do meu trabalho atual. Resumindo você argumenta que estamos na época da "energia", isto é: "evento", em oposição à época prévia que era do "objeto". Pois procuro mostrar, nos ensaios que escrevo e lei em Marseille, e do qual o artigo no Estadão faz parte, que isto não é o que está havendo: Assumindo tua terminologia: a época pré-industrial é a do material, (pedra, cobre, bronze, ferro); a época industrial é a da energia (carvão, gás, petróleo, nuclear); a época pos-industrial será a da forma, (informação, programa, know-how). Filosoficamente: época do objeto, época do sujeito, época da relação objeto/sujeito. No caso específico dos microprocessadores eis como a transição se realiza: Surgem em "crise de energia" porque poupam energia. Máquina de lavar roupa "inteligente" gasta menos energia que máquina electro-mecânica, porque otimiza o uso. Mas o proximo passo é o de "superar" o problema de energia. Por exemplo os "contadores reversíveis": quando faz sol ou vento, a casa fornece energia à rede, quando não, recebe energia da rede, e o saldo se verifica no fim do mez. Tal reversibilidade do fluxo energético é o contrário de "evento historico", é "o ciclo do eterno retorno". 'E verdade que por enquanto há milhões de robôs, e somente dezenas de milhares de contadores reversíveis, (nos moinhos de vento e baterias solares que não são "individuais", mas "municipais"). De modo que os robôs ainda tendem a se aglomerarem em industrias. Mas isto é estágio passageiro. A tendência é: cada robô com seu contador reversível. 'E verdade também: começa a rarear o silicón dos microprocessadores, ("objeto"). Mas o verdadeiro problema da produção futura não é a "hardware", mas a "software". O que faltará não serão nem materiais, nem energia, mas ideias. Portanto: não vitória do idealismo, mas: idealismo des-idealizado. O "poder" não é mais nem dos possuidores de "materia prima", nem de "energia", mas do "know-how", mas desta vez o "know-how" é objetivado sob forma de circuitos impressos. E como tais coisinhas se parecem mais com ideogramas que com "ideais", o futuro parece ser do Japão e da China. Embora os EEUU forneçam 80% dos robôs e 90% dos chips, o Japão já fornece 60% da software. Nem Marx nem Husserl, mas Confucio e o jogo de Go. E mais uma coisa: os automoveis americanos do tipo 1980 serão microprocessados para poupar gasolina e não poluïrem, mas o que conta é que "acidentalmente" programarão as viagens. O homem não mais "dirigirá", mas "will service" automoveis. (He will be driven.) Que época fascinante a que estamos presenciando.

O que me leva a considerar artigo teu nas Folhas que por acaso caiu em minhas mãos, e no qual você discute a diferença entre a India e o Brasil. Você diz que miséria cultural é mais fácil a ser superada que miséria económica. Não creio. Em época informática, (formal, analizadora e sintetizadora de sistemas, "estrutural" em soma), o que contará é "cultura" no sentido oriental do termo: modelos de comportamento exatos. Creio que

chegou a vez do Oriente, (China, Japão, Índia, Coreia, etc.), precisamente porque a miséria económica é rapidamente superada quando o know-how se materializa em chips, coisa tão apropriada aos modelos orientais: árvores miniatu^{ra}, ou vaca na rua. Exemplo: a Europa destruída com know-how apropriado à sociedade industrial, (energética), dos anos 1945-55. Creio que nossos filhos verão a China, a Índia e o Japão dominando o mundo graças à miniaturização, com a miséria transferida para o Ocidente. 'E o que os futurologos chamam de "confucianização do mundo". Que pena que não posso discutir isto de viva voz contigo: estás me fazendo falta.

Fiquei comovido com teu relato das enchentes, e teu empenho nisto. Do ponto de vista "formal", (desumano), é isto o clima não temperado: flagela ritmicamente com inundações e secas, geadas e chuvas de pedra. Mas do ponto de vista "processual", (humano), toda inundação é catástrofe, por mais que se repita. Tenho horror da mentalidade programadora, ("oriental"), que se prepara e estou contigo quando procuras, qual o velho Fausto, barrar o caminho da água. "So oeffn' ich Raeume vielen Millionen, nicht sicher zwar, doch taetig frei zu wohnen", (assim abro espaços para muitos milhões, não para viverem seguros, mas ativamente livres). Sou ocidental, faustico, como você, e morreremos, graças a Deus, antes do Ocidente.

Estamos comprando pequeno "mas" em Robion, (a clássica Rubionum), a 5km de Cavailon, e estamos também de mudança para o apartamento da Dinah em Londres. Na passagem por S. Paulo para Montevideo ela te contará tudo. Isto significa que nosso dinheiro está rareando, e problematiza minha viagem para S. Paulo. Grato por tua ajuda de apartamento, mas creio que a Edith irá sozinha. Não posso ganhar a passagem no Brasil na situação de crise. A crise está ficando chata: anexo é estatística do Banco Mundial, se é que você não a conhece: o mundo inteiro, salvo o petrolífero, ficou mais pobre. E a nossa família ainda mais. Que grande pena: gostaria ter encontrado os amigos, e sobretudo teria gostado poder abraçar-te.

Quanto ao meu livrinho: grato pelas informações e espero pelas rezenhas. E se a reação for nula ou negativa concordo contigo: ours is not to question why, ours is just to do and die. Por favor: mantenha contacto com o Micha, o qual se empenha em fazer-me publicar, e tem também problemas com Science et vie que não posso julgar daqui. O que me importa é não perder contacto com a "cena brasileira" que se afasta na proporção do encarecimento das passagens. Abraço-te, e muitas saudades. No momento de terremoto geográfico pelo qual estamos passando, a Edith e eu, é bom saber que existes.